

A visão de Simone de Beauvoir sobre a condição feminina

Simone de Beauvoir's view on the female condition

CINTHIA ALMEIDA LIMA¹

Resumo: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre: um casal à frente de seu tempo. Sartre admirava Simone por sua intelectualidade e ser uma mulher diferente das outras, uma filósofa totalmente contra ao casamento e ao desejo de ter filhos. Beauvoir admirava Sartre pela sua ausência de beleza e por sua capacidade de ler e escrever compulsivamente. E assim viveram felizes para sempre! Mas a vida de Simone e Sartre não foi um conto de fadas. Muitas vezes, ambos foram perseguidos e ameaçados de morte pelos seus opositores políticos e intelectuais. Contudo, persistiram em defesa de suas teses e ideias de liberdade. Beauvoir e Sartre criaram o costume de sempre lerem um o trabalho do outro antes das obras serem publicadas. Busca-se assim, nesse ensaio, evidenciar a influência do pensamento de Sartre na visão de Simone de Beauvoir sobre a condição feminina.

Palavras-chave: Mulher. Condição feminina. Feminismo. Liberdade. História.

Abstract: Simone de Beauvoir and Jean-Paul Sartre: a couple ahead of their time. Sartre admired Simone for her intellectuality and being a woman different from the others, a philosopher totally against marriage and the desire to have children. Beauvoir admired Sartre for his lack of beauty and for his ability to read and write compulsively. And so they lived happily ever after! But the life of Simone and Sartre was not a fairy tale. Often both were persecuted and threatened with death by their political and intellectual opponents. However, they persisted in defending their theses and ideas of freedom. Beauvoir and Sartre created the custom of always reading one another's work before the works were published. In this essay, we try to show the influence of Sartre's thinking on Simone de Beauvoir's view of the female condition.

Keywords: Woman. Female condition. Feminism. Freedom. History.

Introdução

A história de Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre poderia ser mais uma bela história de amor entre dois jovens que se conheceram no período em que estudavam na faculdade de Filosofia. Mas não! Essa não é mais uma simplória história de “amor romântico”. Sartre e Simone se completavam por suas ideias, viviam um relacionamento aberto sem cobranças dos casais comuns, o companheirismo e a afinidade intelectual entre eles durou até a morte de Sartre. Beauvoir revisava os livros escritos por ele e por esse fato foi, com certeza, a pessoa que mais conheceu suas teses e compreendeu suas inquietações. O filme *Os amantes do Café Flore* conta a história, com riqueza de detalhes, da parceria e

¹ Graduada em Direito, com especialização em Direito do Trabalho pela Universidade Tiradentes de Sergipe e especialização em Direito Penal e Processo Penal pela Estácio FASE. Advogada inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional Sergipe. Graduanda e mestranda em Filosofia na Universidade Federal de Sergipe. E-mail: advcynthialima@gmail.com.

profunda amizade entre esse casal *sui generis* na história da filosofia contemporânea.

As ideias de Sartre sobre existencialismo, liberdade e história exerceram influência nas ideias e nos escritos de Simone. A célebre frase sartriana “a existência precede a essência” é refletida na posição de Beauvoir sobre a condição feminina. No ensaio *O segundo sexo*, ela defende a “liberdade feminina”, reconhecendo-se assim feminista, influenciando e libertando da submissão de seus maridos, mulheres de várias classes sociais. Inclusive, cabe relatar, que na época da publicação da citada obra, Simone recebeu várias cartas de mães de famílias que relatavam o “poder libertador” das palavras escritas por ela.

Nesse singelo ensaio, apresento então, de forma bastante resumida, ideias do Sartre maduro sobre liberdade e história, sem desprezar, contudo, algumas posições do jovem Sartre, uma vez que este já realizava reflexões éticas a partir das noções de “consciência” e “má-fé”, sendo estas essenciais para entender seu pensamento na fase madura. Posteriormente, trato da visão de Simone de Beauvoir sobre a “condição feminina” a partir das reflexões sartrianas sobre liberdade e história. E ao final, apresento minhas conclusões.

Breve exposição sobre liberdade e história na filosofia de Sartre

O conceito de liberdade aparece pela primeira vez nos escritos de Sartre em *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*, publicado em 1943. Sartre é um crítico do determinismo e os problemas ligados à existência humana o interessam. Para ele, não existe uma “natureza humana”, mas sim uma “condição humana”. O homem é o único responsável por seus atos, não há qualquer influência mítica ou divina em suas escolhas. Com esse posicionamento, Sartre defende que homem e liberdade são indissociáveis.

Na aludida obra, Sartre apresenta reflexões sobre fenomenologia e ontologia como o próprio título já anuncia, e, direciona-se a uma tentativa de superar o solipsismo, difundido por pensadores modernos, a exemplo de Descartes e Kant. Mas, anteriormente, em *A Transcendência do Ego*, escrita em 1934 e publicada em 1936, Sartre não se afasta de imediato do “cogito” como pontapé inicial de suas reflexões, mas, propõe uma “filosofia da ação”, na qual “o Eu é contemporâneo do mundo”. Esse “Eu” não é fechado, trancado em si mesmo, mas é um “Eu” cujos atos intencionais são conduzidos ao mundo, “a intencionalidade da consciência” é o que permite que a consciência seja plenamente livre.

Na conclusão de *A transcendência do Ego* se encontra um resumo do que a fenomenologia estaria apta a fazer pela filosofia: por ela o homem está mergulhado no mundo e, por essa razão, o método husserliano possibilita *falar das coisas mesmas*. Pela fenomenologia, o fenômeno se dá sem intermediários à consciência; e sendo a

consciência, no campo pré-reflexivo, *consciência não tética de si*, nessa *relação direta* é possível superar a antinomia do idealismo e do realismo, refutar o solipsismo e fundar as ciências positivas. Por ser essencialmente transcendente, o mundo não *faz parte* da consciência; de outro lado, mesmo com o estatuto de nada, a consciência *é relação* com o mundo. (SILVA, 2010, p. 22, grifo do autor).

Embora *A Transcendência do Ego* seja de grande importância no sistema filosófico de Sartre, é em *O ser e o nada* que ele busca uma filosofia realista que se oponha ao idealismo husserliano e se direciona ao pensamento de um “sujeito histórico” que se relaciona com outros “sujeitos históricos”, ou seja, o “olhar do outro” é o que afasta a subjetividade individualista, o solipsismo acima mencionado. Nessa última obra, Sartre procede a uma análise das condutas humanas de forma prática, e nesse momento, ele “coloca no centro da experiência a liberdade absoluta do Sujeito, e essa liberdade ainda é mantida na estrita consciência individual”. (BADIOU, 2017, p. 23). Uma importante frase de Sartre que se encontra em *O existencialismo é um humanismo*, publicado em 1946, não exatamente com essas mesmas palavras, mas preservada em sua essência, é a seguinte: “o homem está condenado a ser livre”.

A liberdade é condição *sine qua non* do agir do homem, sendo este agir desprovido de qualquer determinação, uma vez que inexiste nele uma essência, ou seja, o homem é nada. E justamente em razão de ausência de uma natureza humana, ele é o único responsável por suas escolhas, angústias, conflitos etc. A má-fé, para Sartre, é “uma fuga da realidade”, mentiras e desculpas que inventamos a nós mesmos para aliviar as dores da existência. Frise-se, então, que para ele, a liberdade humana de agir não é pautada em qualquer determinismo.

Queremos definir o ser do homem na medida em que condiciona a aparição do nada, ser que nos apareceu como liberdade. Assim, condição exigida para nadificação do nada, a liberdade não é uma propriedade que pertença entre outras coisas à essência do ser humano [...] A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos liberdade não pode se diferenciar do ser da ‘realidade humana’. O homem não é primeiro para ser livre depois: não há diferença entre o ser do homem e seu ‘ser-livre’ [...] precisamos enfocar a liberdade em conexão com o problema do nada e na medida estrita que condiciona sua aparição. (SARTRE apud RENAUD, 2013, p. 296, grifo do autor).

Quanto à noção de história, é na *Crítica da razão dialética*, publicada em 1960, que Sartre percebe através da “inteligibilidade dialética” que os indivíduos, em conjunto, necessariamente se transformam, isto é, o homem em sua subjetividade “não é o mesmo homem”, pois, quando se insere em um grupo, acaba por entrar em

um processo de alienação. A junção das liberdades individuais recai na cadeia das alienações. Nesse momento, o homem torna-se refém da história.

Feitas essas breves considerações, passo a análise das ideias de Simone de Beauvoir sobre a condição feminina e a liberdade da mulher, a partir de suas posições filosóficas, e também feministas.

A visão de Simone de Beauvoir sobre a condição feminina

Nesse tópico, apresento ideias expostas por Simone de Beauvoir, primeiramente, em entrevista intitulada *Por que eu sou feminista?*, concedida ao programa francês *Questionnaire*, no ano de 1975. Tentarei de forma resumida, mas espero que satisfatória, fazer referência às respostas de Simone na aludida entrevista e uma breve exposição de suas posições filosóficas sobre o feminismo e a condição feminina, acrescentando a esse estudo algumas passagens do pensamento de Simone na obra *O segundo sexo*, publicada em dois volumes e escrita pela própria filósofa, e no livro de entrevistas (entre os anos de 1972 e 1982), *Simone de Beauvoir hoje*, de Alice Schwarzer.

Na célebre oração “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, Beauvoir diz que se tal oração resume suas teses, isso significa algo muito simples: “ser mulher não é um dado natural e não há um destino biológico ou psicológico que defina a mulher como tal”, nem o fato natural da mulher engravidar seria o fator primordial que diferencia homens e mulheres, mas a história seria “a grande culpada” dessa diferenciação, e “cada mulher em particular”, individualmente, seria também culpada de sua própria condição, o que ela entende como o desenvolvimento, no íntimo da mulher, do “eterno feminino”. As falas de Simone, mencionadas nesse parágrafo, foram essencialmente extraídas da entrevista do ano de 1975.

Para ela, quanto mais são aprofundados os estudos de psicologia infantil, mais evidente fica que o bebê feminino é direcionado a se tornar mulher. Beauvoir cita também na aludida entrevista a obra *Do lado das meninas*, de Elena Belotti, uma pediatra e escritora italiana, para fundamentar que antes mesmo da criança ser consciente de sua existência, as mães e babás tratam meninos e meninas de forma diferenciada: no jeito de amamentar, de segurar o bebê. O tratamento da criança masculina é orientado ao encorajamento, ao exibicionismo. Já o da criança feminina é conduzido aos pudores, “ao não se mostrar”, a retidão. Tal discriminação entre filhos e filhas na maioria das vezes é gerada pela própria mãe, uma vez que esta já sofreu os efeitos de um processo misógeno.

Simone admite que as diferenças biológicas entre homens e mulheres podem ter um papel importante no comportamento das pessoas, mas, a importância que se atribui a essas diferenças é proveniente do contexto social em que elas se encontram.

Para Beauvoir, é inegavelmente importante que as mulheres engravidem, até porque os homens não podem ter filhos. Porém, a diferença entre homens e mulheres não está diretamente conectada às questões biológicas, ou seja, a opressão e a exploração das mulheres estão associadas à história, às várias épocas de submissão feminina e a vontade dos homens de tomar o poder. O trabalho doméstico, não assalariado, de cuidar da casa e apenas criar os filhos, que embora possa até ser interessante e enriquecedor para algumas, para Simone, não é considerado um trabalho produtivo do ponto de vista econômico, além de ser uma condenação para as mulheres, pois, estas acabam por depender economicamente de seus maridos, e se tornam, inclusive, “escravas sexuais”, submissas às escolhas e vontades daqueles. Ela tem a firme posição de que a mulher ao se casar com um homem, somente por dinheiro, porque se sente incapaz ou até mesmo não tenha o desejo de buscar sua independência financeira, abdica de seu valor e dignidade. Na introdução do livro de Alice Schwarzer, esta esclarece:

Que disse Simone de Beauvoir sobre a maternidade? Que ela não é a missão essencial da vida da mulher. Que a capacidade biológica (de pôr filhos no mundo) não implica obrigatoriamente o dever social da maternidade (educá-los). Que a maternidade não é, em si, um ato criativo. Que, nas condições de vida atuais, ela reduz frequentemente a mulher a uma verdadeira escravidão, acorrenta-a a casa e/ou a esse papel. Que, por todos esses motivos, é necessário refutar a ideologia da maternidade, a divisão do trabalho em tarefas masculinas e femininas. E ainda que foram os homens que inventaram e atribuíram às mulheres esse “papel maternal”, base mesma dessa divisão do trabalho. Papel de maneira alguma nato, mas inculcado pela educação. “Exploram as mulheres e elas se deixam explorar em nome do amor”, diz Simone de Beauvoir. (1986, p. 17, grifo nosso).

106

Simone expõe ainda que muitas vezes cargos políticos são conferidos a mulheres, entretanto, mulheres em cargos políticos acabam sendo “pura mistificação” de que a mulher está no poder, é apenas uma maneira de desmobilizá-las, fazendo com que elas creiam que fazem algo pela classe feminina. Para Beauvoir, ser feminista está além de defender as questões das mulheres através de cargos políticos ou instituições, todavia, é através da luta, da revolução, das discussões entre as próprias mulheres que elas realmente ganham voz, e conseguem fazer mudanças para elas mesmas e conseqüentemente para as outras mulheres.

Pontos de extrema relevância no pensamento de Simone de Beauvoir, apresentados também em seu livro *O segundo sexo*, além das entrevistas concedidas, são as suas posições favoráveis sobre o aborto; a divisão entre homens e mulheres das tarefas domésticas, na educação dos filhos; e a renúncia da autoridade do homem sobre a mulher.

Ela explica, também, o significado do termo ‘sexismo’ no vocabulário do feminismo, como uma atitude de discriminação praticada em razão do sexo. Beauvoir, embora tenha se posicionado veementemente contra o casamento e relatado sua escolha em não ter filhos, expõe que o fato de uma mulher ser feminista não a impede de querer se relacionar com alguém, ter um companheiro. Ela mesma oferece como exemplo sua convivência com Sartre, mas relata que existem sim feministas que evitam completamente qualquer relação amorosa com homens, contudo, para ela, cada mulher é livre para escolher o melhor para si, desde que não se submeta a uma relação de opressão e submissão.

Simone de Beauvoir, com seus escritos sobre feminismo e nas entrevistas concedidas, aconselha que as mulheres trabalhem, conquistem independência econômica, assumam as qualificações mais altas e alcancem o trabalho mais interessante que puderem, lutem por suas liberdades, recusem a maternidade e o trabalho doméstico escravos, e seja qual for a dificuldade que encontrem, não se abatam, não desanimem, mas, que antes de qualquer conquista financeira, as mulheres conquistem “independência interior”, e que se unam em seus ideais de respeito e igualdade, pois, somente unidas é possível uma mudança da condição feminina e uma efetiva dignificação da mulher.

Considerações finais

Fazendo-se uma análise objetiva, mas comprometida, das colocações de Simone, percebe-se que a liberdade permeia incessantemente o seu pensamento, e a influência das posições filosóficas de Sartre é indiscutível. Uma das grandes preocupações de Beauvoir é a de que o homem exerça um olhar sobre a mulher, colocando-se no lugar dela, percebendo-a como sujeito tanto quanto ele é. Embora o desenvolvimento da feminilidade ainda seja algo bastante forte nas sociedades atuais, esse “eterno feminino” é completamente questionável quando se discutem problemas relacionados à identidade de gênero.

Ainda nos dias atuais, existem mulheres que se deixam escravizar em suas relações amorosas e continuam com a mentalidade de que, para se sentirem realmente mulheres, precisam casar, ter filhos, ser donas de casa. Muitos homens ainda se sentem donos de suas namoradas, companheiras, esposas, e, contra elas, cometem agressões morais, físicas, psicológicas, e quando não contentes em agredilas, matam-nas. No Brasil, todos os dias mulheres são agredidas, violentadas ou mortas, o que contribuiu para a edição da Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha) e a da Lei nº. 13.104, de 9 de março de 2015 (que inclui o feminicídio no rol dos crimes hediondos), mas, o combate à violência contra as mulheres deve ser constante, principalmente com campanhas, ações governamentais (políticas públicas), comunitárias etc. que visem ilidir o pensamento machista, ainda arraigado, em homens e mulheres.

Por todo o exposto, percebe-se que o estudo de Simone de Beauvoir é atual, e embora muitos filósofos contestem sua condição de filósofa, é inquestionável o quanto ela contribuiu para que o pensamento feminista se difundisse mundialmente.

Após essas breves reflexões, concluo que, para Beauvoir, a diferença biológica entre mulheres e homens não é a causa da exploração e submissão feminina. A história e o desejo masculino de poder são os “grandes culpados” da condição feminina, entretanto, a desigualdade entre mulheres e homens deve ser superada a partir de uma conscientização de que ambos têm as mesmas capacidades intelectuais, de que as mulheres não precisam casar ou ter filhos se não desejarem, e de que elas podem exercer atividades realmente produtivas, devem trabalhar, buscar os cargos que almejem, conquistar a independência financeira da mesma forma que os homens, e reconhecer-se como sujeito de direitos.

Referências

- BADIOU, A. *Pequeno panteão portátil*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- BEAUVOIR, S. *Memórias de uma moça bem-comportada*. 2. ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- _____. *O segundo sexo: fatos e mitos*. (vol. 1). 3. ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- _____. *O segundo sexo: a experiência vivida* (vol. 2). 3. ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BORNHEIM, G. “A conversão à história”. In: *Sartre*. Coleção Debates. v. 36, 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- COHEN-SOLAL, A. *Jean-Paul Sartre: uma biografia*. Trad. de Milton Person. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- QUESTIONNAIRE. *Pourquoi je suis féministe?*. Entrevista com Simone de Beauvoir no ano de 1975. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VmEAB3ekkvU>>. Acesso em: 07 mai. 2018.
- RENAUD, Vinicius. *O conceito de “liberdade” em O ser e o nada de Sartre: um recorte a partir do fazer, do ter e do ser*. Sapere Aude – Belo Horizonte, v.4 - n.8, p.294-300 – 2º sem. 2013. ISSN: 2177-6342, p. 294-300.
- ROSSUM, W. *Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre: a arte da proximidade*. Trad. de Briguitta Walbalh Aragao. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.
- SARTRE, J-P. *A Transcendência do ego*. (1937). Trad. Alexandre de Oliveira Torres Carrasco. “*La transcendance de l’ego*” in *Recherches philosophiques*, nº. 6. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/download/89393/92254>>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- _____. *Crítica da razão dialética*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.
- _____. *O existencialismo é um humanismo*. (1946). Coleção Os Pensadores. 3. ed. Trad. e notas de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

_____. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. (1943). 13. ed. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SCHWARZER, A. *Simone de Beauvoir hoje*. Trad. José Sanz. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

SILVA, L. D. da. *A filosofia de Sartre entre a liberdade e a história*. São Carlos: Claraluz, 2010.

VVAA. BRASIL. *Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm>. Acesso em: 07 ago. 2018.

_____. *Lei nº. 13.104, de 9 de março de 2015*. Disponível em:<

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm>. Acesso em: 07 ago. 2018.

Submissão: 08.10.2018 / Aceite: 10.11.2018.